

PYRAMUS ET THISBE  
(OVIDIUS, *Metamorphoses* IV, 55-166)

“Pyramus et Thisbe, iuuenum pulcherrimus alter, altera, quas oriens habuit, praelata puellis, contiguas tenere domos, ubi dicitur altam coctilibus muris cinxisse Semiramis urbem. Notitiam primosque gradus uicinia fecit: tempore creuit amor. Taedae quoque iure coissent:	55
sed uetere patres. Quod non potuere uetare, ex aequo captis ardebant mentibus ambo. Conscius omnis abest: nutu signisque loquuntur, quoque magis tegitur, tectus magis aestuat ignis.	60
Fissus erat tenui rima, quam duxerat olim, cum fieret paries domui communis utriusque.	65
Id uitium nulli per saecula longa notatum (quid non sentit amor?) primi uidistis amantes, et uocis fecistis iter; tutaeque per illud murmure blanditiae minimo transire solebant.	70
Saepe, ubi constiterant hinc Thisbe, Pyramus illinc, inque uices fuerat captatus anhelitus oris, ‘inuide’ dicebant ‘paries, quid amantibus obstas? quantum erat, ut sineres toto nos corpore iungi, aut hoc si nimium est, uel ad oscula danda pateres?’	75
Nec sumus ingrati: tibi nos debere fatemur, quod datus est uerbis ad amicas transitus aures.’ Talia diuersa nequiquam sede locuti sub noctem dixere ‘uale’ partique dedere oscula quisque suae non peruenientia contra.	80
Postera nocturnos aurora remouerat ignes, solque pruinosas radiis siccauerat herbas: ad solitum coiere locum. Tum murmure paruo multa prius questi, statuunt, ut nocte silenti fallere custodes foribusque excedere temptent,	85
cumque domo exierint, urbis quoque tecta relinquunt; neue sit errandum lato spatiantibus aruo, conueniant ad busta Nini lateantque sub umbra arboris. Arbor ibi, niueis uberrima pomis ardua morus, erat, gelido contermina fonti.	90
Pacta placent. Et lux, tarde discedere uisa, praecipitatur aquis, et aquis nox exit ab isdem. Callida per tenebras uersato cardine Thisbe egrecaeditur fallitque suos, adopertaque uultum peruenit ad tumulum, dictaque sub arbore sedit.	95
Audacem faciebat amor. Venit ecce recenti leaena boum spumantes oblita rictus,	

depositura sitim uicini fontis in unda.  
 Quam procul ad lunae radios Babylonia Thisbe  
 uidit et obscurum timido pede fugit in antrum, 100  
 dumque fugit, tergo uelamina lapsa reliquit.  
 Vt lea saeua sitim multa conpescuit unda,  
 dum redit in siluas, inuentos forte sine ipsa  
 ore cruentato tenues laniauit amictus.  
 Serius egressus uestigia uidit in alto 105  
 puluere certa ferae totoque expalluit ore  
 Pyramus: ut uero uestem quoque sanguine tinctam  
 repperit, ‘una duos’ inquit ‘nox perdet amantes.  
 E quibus illa fuit longa dignissima uita,  
 nostra nocens anima est: ego te, miseranda, peremi, 110  
 in loca plena metus qui iussi nocte uenires,  
 nec prior huc ueni. Nostrum diuellite corpus,  
 et scelerata fero consumite uiscera morsu,  
 o quicumque sub hac habitatis rupe, leones.  
 Sed timidi est optare necem.’ Velamina Thisbes 115  
 tollit et ad pactae secum fert arboris umbram;  
 utque dedit notae lacrimas, dedit oscula uesti,  
 ‘accipe nunc’ inquit ‘nostri quoque sanguinis haustus!’  
 quoque erat accinctus, demisit in ilia ferrum,  
 nec mora, feruenti moriens e uulnere traxit. 120  
 Vt iacuit resupinus humo: cruor emicat alte,  
 non aliter quam cum uitiatu fistula plumbo  
 scinditur et tenui stridente foramine longas  
 eiaculatur aquas atque ictibus aera rumpit.  
 Arborei fetus adspergine caedis in atram 125  
 uertuntur faciem, madefactaque sanguine radix  
 purpureo tingit pendentia mora colore.  
 Ecce metu nondum posito, ne fallat amantem,  
 illa redit iuuenemque oculis animoque requirit,  
 quantaque uitarit narrare pericula gestit. 130  
 Vtque locum et uisa cognoscit in arbore formam,  
 sic facit incertam pomi color: haeret, an haec sit.  
 Dum dubitat, tremebunda uidet pulsare cruentum  
 membra solum, retroque pedem tulit, oraque buxo  
 pallidiora gerens exhorruit aequoris instar, 135  
 quod tremit, exigua cum summum stringitur aura.  
 Sed postquam remorata suos cognouit amores,  
 percutit indignos claro plangore lacertos,  
 et laniata comas amplexaque corpus amatum  
 uulnera suppleuit lacrimis fletumque cruori 140  
 miscuit et gelidis in uultibus oscula figens  
 ‘Pyrame’ clamauit ‘quis te mihi casus ademit?  
 Pyrame, responde: tua te carissima Thisbe  
 nominat: exaudi uultusque attolle iacentes!’  
 Ad nomen Thisbes oculos iam morte grauatos 145  
 Pyramus erexit, uisaeque recondidit illa.

Quae postquam uestemque suam cognouit et ense  
 uidit ebur uacuum, ‘tua te manus’ inquit ‘amorque  
 perdidit, infelix. Est et mihi fortis in unum  
 hoc manus, est et amor: dabit hic in uulnera uires. 150  
 Persequar exstinctum letique miserrima dicar  
 causa comesque tui; quique a me morte reuelli  
 heu sola poteris, poteris nec morte reuelli.  
 Hoc tamen amborum uerbis estote rogati,  
 o multum miseri meus illiusque parentes, 155  
 ut quos certus amor, quos hora nouissima iunxit,  
 conponi tumulo non inuideatis eodem.  
 At tu quae ramis arbor miserabile corpus  
 nunc tegis unius, mox es tectura duorum,  
 signa tene caedis pullosque et luctibus aptos 160  
 semper habe fetus, gemini monumenta cruoris.’  
 Dixit, et aptato pectus mucrone sub inum  
 incubuit ferro, quod adhuc a caede tepebat.  
 Vota tamen tetigere deos, tetigere parentes:  
 nam color in pomo est, ubi permaturuit, ater, 165  
 quodque rogis superest, una requiescit in urna.”

PÍRAMO E TISBE  
(OVÍDIO, *Metamorfoses* IV, 55-166)

“Píramo e Tisbe, ele o mais belo dos jovens, 55  
ela, a mais linda dentre as moças do Oriente,  
tinham casas contíguas, contam, na cidade  
que Semíramis fez de altos muros de adobe.  
A vizinhança permitiu-lhes conhecerem-se;  
com o tempo o amor cresceu. E núpcias haveria, 60  
mas os pais proibiram. Não puderam proibir  
dois corações cativos de igualmente arderem.  
Sem que soubessem, eles falam por sinais,  
e quanto mais se oculta, mais o fogo ferve.  
Numa parede-meia há uma fina greta, 65  
surgida enquanto as casas eram construídas.  
Ninguém notara a falha, nesses longos séculos,  
(o que não sente o amor?) Logo a vistes, amantes,  
e com a voz fizestes trilha e ali seguros  
costumavam trocar ternos murmúrios mínimos. 70  
Sempre que Tisbe, de um lado e do outro Píramo,  
notavam os seus mútuos suspiros, diziam:  
“Invejosa parede, obstas por que os amantes?  
Custava-te deixar-nos unir nossos corpos,  
ou, ao menos, abrir-te para nos beijarmos! 75  
Ingratos não somos, a ti agradecemos  
por levar a ouvido amigo o que dizemos”.  
Depois de assim falar, de lugares contrários,  
de noite adeus disseram e cada qual deu  
beijos que não chegavam nunca ao outro lado. 80  
Após a aurora remover noturnos astros,  
e o sol secar com raios ervas orvalhadas,  
vinham à mesma greta. Então, à meia voz,  
lamentam-se e decidem, na noite silente,  
iludir os guardiões, saindo pelas portas, 85  
e fora já do lar, deixar mesmo a cidade;  
e, para não errarem pelos vastos campos,  
no túmulo de Nino, à sombra de uma árvore,  
se encontrariam. Copa prenhe de alvos frutos,  
alta amoreira havia junto à fonte gélida. 90  
Alegres com o pacto, fez-se longo o dia.  
O sol se pôs no mar, de onde a noite saiu.  
Hábil nas trevas, gira a fechadura Tisbe  
e engana os seus, cobrindo o rosto com um véu,  
chega ao túmulo e senta-se sob dita árvore. 95  
O amor audaz tornava-a. Eis que uma leoa

vem com a fuça suja de sangue de boi,  
 querendo aliviar a sede nessa fonte.  
 Sob os raios da lua, a babilônia Tisbe  
 a viu, e trêmula se esconde em gruta escura, 100  
 e na fuga deixou cair do ombro o véu.  
 Quando a cruel leoa a sede aplacou n'água,  
 de volta à selva achou o fino véu sem dona  
 e o rasgou com a sua boca ensangüentada.  
 Chegando tarde, viu os vestígios seguros 105  
 da fera na poeira espessa e ficou pálido  
 Píramo. Quando viu o véu tinto de sangue,  
 diz: "Uma só noite há de perder dois amantes,  
 dos dois, ela uma longa vida merecia,  
 pois sou culpado. Eu te danei, desgraçada, 110  
 eu te chamei a vir de noite em ermo horrído  
 e não cheguei primeiro. O meu corpo rasgai,  
 e devorai-me as vísceras com feros dentes,  
 ó quem quer que habitais nestas rochas, leões.  
 Mas é fraco quem quer morrer!" O véu de Tisbe 115  
 ergue e o leva consigo para embaixo da árvore.  
 E após derramar lágrimas, beijando o véu:  
 "Recebe agora" diz "o hausto de meu sangue!"  
 E o ferro preso ao cinto enfiou na barriga,  
 logo o arrancando à chaga fervente, nas últimas. 120  
 Caindo ao chão de costas, o sangue esguichou:  
 tal como quando um cano estragado de chumbo  
 se rompe, e, por um fino buraco, escapole  
 um longo jato de água, o ar cortando, estrídulo.  
 O fruto da árvore adquire a tez escura 125  
 aspergido de sangue e a úmida raiz  
 tinge de cor purpúrea as amoras pendentes.  
 Com medo, mas temendo o engano do amante,  
 eis que ela volta e o busca com coração e olhos,  
 e anseia por narrar-lhe os perigos passados. 130  
 Reconhece o lugar e o formato da árvore;  
 porém, a cor do fruto a deixa na incerteza.  
 Enquanto hesita, um corpo pulsando, vê, trêmula,  
 no chão sangrento, e retrocede e, tez mais pálida  
 que o buxo, estremeceu de horror, como a planura 135  
 do mar que treme, quando a brisa leve a roça.  
 Mas, ao parar, reconheceu os seus amores,  
 os braços golpeou, com sonoros lamentos,  
 e arrancando os cabelos, abraçou o amado,  
 e as feridas encheu de lágrimas e ao sangue 140  
 pranto mesclou, e o rosto gelado, beijando,  
 "Píramo", diz, "que sina te afastou de mim?  
 Responde, Píramo; é Tisbe, a ti caríssima,  
 que te chama. Escuta e ergue-te, jazente!"  
 Os olhos já pesados de morte abriu Píramo, 145  
 ao nome de sua Tisbe e, vendo-a, os fechou.

Quando viu o seu véu e a bainha vazia,  
sem a espada, diz: “tua mão, e o teu amor,  
te perdeu, infeliz. Tenho também mão forte,  
e amor, que me dará força para ferir-me. 150

Te seguirei morto e dirão que fui eu, mísera,  
causa e sócia em teu fim. É tu, que só a morte  
arreatou de mim, na morte me terás.

Ouvi, porém, a prece que ambos fazemos,  
ó pais, meus e também os dele, infelicíssimos, 155

não negueis enterrar juntos num mesmo túmulo,  
estes que amor sincero uniu na hora extrema.

Mas tu, árvore, que ora cobres, com teus ramos,  
mísero corpo, logo, a dois dará um teto,  
guarda os sinais do sangue em negro fruto, apto 160

ao luto: monumento de uma morte gêmea”.

Disse e, a ponta da espada pondo sob o peito,  
deitou-se nela, ainda úmida de morte.

Os seus votos chegaram aos deuses e pais.

Pois, quando está maduro, a cor do fruto é negra; 165

e o que em piras restou repousa unido em urna”.

Tradução de Raimundo Carvalho

## PÍRAMO E TISBE: UMA FÁBULA DE AMOR E MORTE

Prof. Raimundo Carvalho  
Doutor em Comunicação e Semiótica – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo  
Universidade Federal do Espírito Santo

A narrativa da desventura de Píramo e Tisbe (*Metamorfoses* IV, 55-166) está incrustada, em *mise en abyme*, numa sequência de estórias contadas pelas filhas de Míneas, enquanto se dedicavam a tecer, dentro de casa, indiferentes ao chamado para a orgia báquica. Como seguidoras de Minerva, elas se opõem ao culto dionisíaco e pagarão com a transformação em morcegos o não-reconhecimento da divindade de Baco, não sem antes terminarem de contar estórias de amores impossíveis e malditos, entretecidas ao ritmo dos teares.

Sob a aparência de uma fábula etiologia que explica por que as amoras são vermelhas, Ovídio nos apresenta uma estória de amor, radicalmente humana, acontecida na distante Babilônia, na qual os personagens principais não se transformam de bicho-homem em outro bicho, mas vão diretamente do ser para o não-ser, levados por uma força secreta e destrutiva, a paixão, que os impele a agir com pressa e sem a compreensão verdadeira dos fatos. Acossados pelo fantasma da violência selvagem, representada na figura da leoa, os dois amantes acabam por darem, eles mesmos, cabo à vida. Tendo deixado os limites da casa e da cidade, os amantes entram no espaço, onde o interdito se apresenta não como muro ou parede, mas como violência iminente, liberada de limites. Porém, não foi preciso acionar de veras todo o arsenal de violência da vida selvagem, os amantes já carregavam em si suas próprias fissuras. Estamos já no domínio do dionisíaco. Ficar em casa por quê? Só se for por uma fábula invulgar, como esse *Liebestod*, que inspirou tantos poetas posteriores a Ovídio.

Apresento o texto original com a minha tradução verso a verso, buscando manter o estatuto poético do discurso ovidiano, pela atenção aos elementos sonoros e plásticos do poema. Procurei traduzir o hexâmetro latino através do dodecassílabo, com acentos obrigatórios na 6<sup>a</sup>. e na 12<sup>a</sup>. sílaba ou na 4<sup>a</sup>., 8<sup>a</sup>. e 12<sup>a</sup>. Agindo assim, ou seja, me submetendo como poeta-tradutor a um esquema métrico prévio, creio, colocar-me em posição análoga à do poeta do original, tendo também que jogar com a língua e suas potências criativas. Como falante de variante brasileira da língua portuguesa, quis que o meu Ovídio soasse também brasileiro, ao mesmo tempo em que vou, aqui e ali, acentuando a nossa latinidade.

#### Referências:

OVIDE. *Les métamorphoses*. Texte établi par Georges Lafaye, émendé, présenté et traduit par Olivier Sers. Paris: Belles Lettres, 2009.

SEGAL, Charles. Piramo e Tisbe: “Liebestod”, monumento e metamorfosi in Ovidio, Beroul, Shakespeare e altri. In: \_\_\_\_\_. *Ovidio e la poesia del mito*. Traduzione dall’inglese di Alessandro Schiesaro ed Marco Sabella, traduzione dal latino di Emilio Pianezzola. Venezia: Marcilio, 1999.